

OS SURDOS COMO MINORIA LINGUÍSTICA¹

Deaf people as a linguistic minority

Bernard Mottez²

RESUMO

Com o reconhecimento da língua de sinais, os surdos começaram a se considerar uma minoria linguística. Pertencer a uma minoria linguística significa ter uma língua para si mesmo, não compreendida pela maioria, e viver em condições de bilinguismo. Além disso, significa sofrer uma certa desconfiança e um certo desprezo por parte da maioria. Este texto busca explicar o paradoxo da questão da minoria linguística, seus benefícios e suas dificuldades no contexto da surdez.

PALAVRAS-CHAVE

Minoria linguística; Surdos; Bilinguismo; Língua de sinais.

ABSTRACT

With the recognition of the sign language, deaf people began to consider themselves as a linguistic minority. Belong to a linguistic minority means to use a language for oneself, which is not understood by the majority, and to live in conditions of bilingualism. In addition, it means suffering from a certain distrust and a certain contempt from the majority. This text aims to explain the paradox of the linguistic minority question, its benefits and its difficulties on deafness context.

KEYWORDS

Linguistic minority; Deaf people; Bilingualism; Sign language.

¹ Originalmente publicado na *Rééducation orthophonique*, n. 107, p. 197-212, 1979 e na *Audition et Parole*, n. 1, p. 144-149, 1979.

² École des Hautes Études en Sciences Sociales – EHESS, Paris, França.

Considerar os surdos como minoria linguística aos olhos de muitos aparece como uma proposta em um momento paradoxal e perigoso. Isso não vem da recusa de considerar a língua de sinais como uma língua? Isso não vem, também, da ideia que geralmente temos de uma minoria linguística? Merece um pouco de atenção o exemplo de um país em que a implementação dessa maneira de ver é inseparável de uma verdadeira reinserção de surdos na vida social e cultural da Nação. O proveito que as pessoas surdas podem extrair da aprovação desse ponto de vista é, evidentemente, ligado à maneira como uma sociedade se comporta com suas minorias³.

1. Uma mudança de atitude, uma nova política

Aconteceu, em um espaço de dez anos, nos Estados Unidos, uma mudança de atitude e de política em relação às pessoas surdas que modificou radicalmente seu lugar na sociedade. Algo que vai desde a infância até a maturidade dessas pessoas. Quando um diagnóstico de surdez é estabelecido em uma criança muito jovem, os pais aprendem a língua de sinais. Isso tende a se tornar a norma. Na prática, também os irmãos e irmãs e, muito frequentemente, os avós, os tios e tias e os membros de famílias amigas também aprendem essa língua.

Neste verão, com um grupo francês, participei de um estágio organizado pelo *Coup d'Œil* no campus da Gallaudet, universidade para surdos localizada em Washington, D.C. Na ocasião, havia um curso para pais de crianças surdas, alguns dos quais vieram com toda a sua família. Ficamos impressionados com o fato de todos se comunicarem sem problemas com o jovem surdo da família. Compreendiam-no e se faziam compreender, acompanhando a fala em sinais. As conversas coletivas eram normalmente realizadas sem a necessidade de modificar seu ritmo, sem a necessidade de interrompê-los quando alguém repetia ao jovem surdo o que acabava de ser dito, resumindo em frases excessivamente simplificadas e articuladas. Nós também ficamos impressionados por outros pequenos detalhes como quando o pai ou a mãe, ou os irmãos e irmãs, falavam entre si, não abordando a jovem criança surda, continuavam a acompanhar de gestos a sua fala. Isso para que a jovem criança estivesse em uma situação normal, isto é, a de

³ Este texto retoma, modificando-a um pouco, uma apresentação feita no 50^o Anniversaire de l'Amicale des Sourds du Havre et de la Région. O texto também aparece nas *Actes du Congrès de la Fédération des Sourds de l'Ouest*, realizado em Laval em outubro de 1978.

todos os jovens ouvintes: saber o que estava em questão, se tivesse vontade, quando os outros falavam entre si. Sabe-se, hoje, o proveito que toda criança pequena recebe de conversas não destinadas a ela. Proveito linguístico primeiro — é precisamente o que se chama de “banho de linguagem” —, mas também proveito intelectual, porque ela recebe, dessa maneira, todas as informações preciosas que lhe permitem estruturar o mundo que a rodeia, situar-se lá e, portanto, estruturar melhor a si mesma.

A esta concepção pedagógica, enfatizando a importância primordial da comunicação, damos o nome de *comunicação total*. A ideia: o essencial é que, de uma forma ou de outra, a mensagem seja passada e compreendida, sem hierarquia *a priori* no nível dos meios. Esta concepção se opõe ao *oralismo*, concepção pedagógica que torna a fala o objetivo final e o meio privilegiado da educação de surdos — seja a escolaridade ou a educação precoce. O *oralismo* se encontra inevitavelmente fadado a sacrificar, constantemente, a comunicação no altar da fala. Se ele pode fazer concessões aos gestos, é justamente a título de concessões, como a um modo de comunicação considerado inferior à fala, menos nobre.

Eu insisto nesse ponto. Reina sobre esse assunto um grave mal-entendido. O cenário em questão do oralismo é regularmente percebido e apresentado pelos seus apoiantes como um cenário em questão da fala e da sua aprendizagem. Isso nunca foi discutido. *A oposição entre comunicação total e oralismo não é a oposição entre apoiantes do sinal e apoiantes da fala*. A comunicação total implica que não se negligencie nenhum meio para melhorar a comunicação: aparelho auditivo, educação auditiva, aprendizagem da fala e da leitura labial, leitura, escrita, língua de sinais, gestos naturais, desenho... Ela implica que se tenha pela língua de sinais o mesmo respeito que se tem pela fala. Não é uma filosofia de “ou isso ou aquilo”.

A comunicação total foi introduzida pela primeira vez em uma escola em 1969. E a experiência foi se expandindo. Uma estimativa, cinco anos mais tarde, indicava que dois terços das escolas nos Estados Unidos a tinham adotado. Ela continuava a se generalizar. Portanto, o que está no centro das discussões nos círculos de ensino, hoje, não é mais se se quer ou não utilizar os sinais. Se utiliza. Em vez disso, se discute as várias formas de implementar a comunicação total. Quais são os melhores procedimentos? Por exemplo, devemos estar satisfeitos com a duplicação da língua falada de uma língua gestual, uma espécie de

decalque muitas vezes relativamente artificial, ou devemos fazer uma educação realmente bilíngue, ideia que está começando a fazer seu caminho?⁴

Existe nos Estados Unidos, há mais de um século, um estabelecimento de ensino superior para surdos. Tradicionalmente, para lá iam aqueles que não podiam continuar seus estudos em uma universidade de ouvintes, que foram educados em escolas especiais ou com ouvintes. O novo fato não é a existência da Gallaudet, sobre a qual tanto falamos na França hoje, mas a multiplicação de cursos para surdos nos estabelecimentos de ensino superior de ouvintes. Eles podem assistir os cursos de sua escolha por meio da disponibilização de intérpretes.

Isso está relacionado a um fenômeno mais geral. Uma lei relativamente recente obriga todas as organizações — universidades, hospitais etc. — que recebem dinheiro federal a cumprir certas regras relativas à acessibilidade de deficientes. Essas normas são, para os deficientes, o que os ajuda a se movimentar no plano arquitetônico. Elas tendem a ser, para os surdos, o direito a um intérprete.

Como os recursos a um intérprete profissional são geralmente caros, pode acontecer que essas organizações prefiram formar, em seu próprio seio, pessoas aptas a se comunicar com pessoas surdas se, por acaso, surgir a oportunidade. Esse é particularmente o caso de certos serviços públicos ou organizações privadas de caráter comercial, cultural, religioso, ou outro, que, não sujeitas a essas normas, não querem negligenciar uma eventual clientela surda.

Sejam quais forem as soluções adotadas, o resultado é o desenvolvimento de cursos de língua de sinais em todos os níveis, nas escolas, nas universidades ou em outros lugares. A língua de sinais, que os surdos americanos gostam de dizer que vem em quarto lugar entre as línguas utilizadas nos Estados Unidos, é ensinada da mesma maneira que outra língua.

É necessário se estender sobre as consequências que isso resulta na vida dos surdos? Eles têm, eventualmente, à sua disposição, os serviços de intérpretes qualificados para certas necessidades usuais ou excepcionais de sua vida cotidiana, mas isso tudo — a formação continuada e as atividades culturais —, aos olhos dos surdos franceses, se torna um luxo quando deveria ser um direito. Não se fala da televisão nem da preocupação com as campanhas políticas para

⁴ Refere-se, em particular, a este tópico o Congresso de San Diego, Califórnia, em 15-19 de outubro de 1978, “Educação bilíngue e bicultural”, sobre o qual um breve relato pode ser encontrado em *Coup d’Œil*, n. 16, § 4. Ver também o artigo de Cécile Guyomarc’h nesse mesmo número.

não deixar os surdos à parte. Lembre-se, vimos isso em nossas telas, o presidente Ford, durante sua campanha, sempre se movia com uma intérprete de língua de sinais americana ao seu lado⁵.

Se eu tivesse que resumir em uma palavra todas essas mudanças, eu diria *integração* ou *participação*. Uma importante minoria da população americana, até então mantida à margem da Nação, começa a participar. Ela começa a ocupar cargos e empregos que antes lhe eram proibidos. Ela começa a fazer sua voz ouvida e, especialmente, para todas as decisões relativas a ela, anteriormente tomadas por ouvintes. Ela começa a ter um acesso normal no circuito de trocas de informações e de ideias. Os surdos tinham, anteriormente, que implorar ou arrancar as migalhas.

Essa integração se tornou possível, entretanto, pelos meios estritamente opostos àqueles anteriormente defendidos para alcançá-la, que ainda predominam aqui na França hoje. É sempre em nome da integração que fizemos guerra com os pais em relação aos sinais nas escolas e na primeira infância. A integração passa, ao contrário, pelo reconhecimento da língua de sinais. Esta mudança tem sido realmente possível depois: 1) que percebemos — o caminho foi longo — que os surdos eram uma minoria linguística; e 2) que poderíamos obter resultados positivos disso. A visão da surdez se modificou. E, hoje, os surdos americanos tendem a se considerar mais como minoria linguística do que como deficientes.

2. O que significa pertencer a uma minoria linguística?

Isso significa, primeiramente, *ter uma língua para si mesmo, uma língua que não seja compreendida pela maioria*. Esta língua não foi aprendida na escola, mas, em geral, em casa e com outros membros dessa minoria. Essa língua é a que se utiliza normalmente quando estão entre eles. É a mais familiar para eles expressarem as coisas do cotidiano, seus sentimentos, as coisas importantes.

Pertencer a uma minoria significa, em segundo lugar, ser *bílingue*. Pode-se ter um domínio perfeito da língua majoritária, ou pode-se dominá-la só parcialmente, mas sempre se sabe pelo menos um pouco. É realmente muito raro e muito difícil não conhecer, pelo menos um pouco, a língua majoritária do país em que se vive.

⁵ Sobre todos esses pontos, *Coup d'Œil*, n. 11, §§ 2, 8 e 9.

Pode-se ter aprendido essa segunda língua quase tão naturalmente quanto a primeira, pelo contato prolongado com os membros da maioria com os quais se vive. Pode-se também, além disso, tê-la aprendido de maneira formal nos bancos da escola. É também por esta razão que, frequentemente, se tem da gramática desta língua majoritária um conhecimento explícito e teórico, que não se tem de sua própria língua, de sua primeira língua. A gramática dessa última é certamente conhecida, mas de um conhecimento implícito, intuitivo, de alguma forma natural.

Essa segunda língua é aquela que se utiliza, normalmente, nas interações da vida comum com os membros da sociedade em que se vive. É a língua que se utiliza espontaneamente — mesmo quando não dominada perfeitamente — para perguntar uma rua, no balcão de estações e de bancos, nas lojas, no médico, em suas relações com a administração e a polícia. É também aquela pela qual se deve passar para se manter o mais corretamente e, tanto quanto possível, ciente da atualidade — jornais, rádio, televisão. Pertencer a uma minoria linguística é ser bilíngue. Isso significa, portanto, ser mais rico do que quem conhece apenas uma língua.

Ademais, pertencer a uma minoria linguística significa também, e finalmente, *ser o objeto, por parte da maioria, de uma certa desconfiança e de um certo desprezo.*

Esse paradoxo pode ser explicado.

Sempre há desconfiança do que não pode ser controlado. Não conheço sociedades ou grupos sociais que sejam exceção: sempre se preocupam com aqueles que, de um jeito ou de outro, são ou parecem estar destacados. Aqueles que falam entre si uma língua não compreendida são cuidadosamente mantidos separados. Isso é feito com toda a liberdade, pois estima-se que foram eles que, procedendo assim, fizeram o primeiro ato antissocial de ficar de fora.

O desprezo me parece o resultado de vários fatores que se combinam. Talvez existam, originalmente, simples razões bem banais como a seguinte: quando alguém fala com você em sua própria língua, tende-se a julgá-lo em relação ao seu conhecimento dessa língua. Se ele a fala mal, em vez de se ater à simples observação de que ele é inferior no domínio dessa língua — um ponto, é tudo — tende-se a estender esse sentimento para toda a pessoa: essa pessoa inferior a você. Tem-se a impressão de que ela está perdendo algo importante.

Então, por exemplo, se essa pessoa tem dificuldade de encontrar a palavra certa, se sua expressão é confusa, pensa-se que reina a mesma confusão no mesmo nível da ideia que ela quer expressar, que ela não pensa claramente. Se ela não entende os seus truques e os seus jogos de palavras, em vez de pensar que é devido à língua, pensa-se que a própria pessoa é intrinsecamente um pouco obtusa, pesada, desprovida de sutileza.

No entanto, os membros de uma minoria linguística geralmente não têm o controle perfeito da língua majoritária. Controlam-na menos que a sua própria, aquela pela qual sempre seria necessário passar antes de começar a julgar suas capacidades intelectuais, sua vivacidade mental, sua sutileza. Se eles dominam a língua majoritária, às vezes têm um sotaque suficiente para torná-los reconhecidos, que os torna considerados e colocados um pouco à parte, por não terem a mesma dignidade que você com uma cidadania medida pelo domínio do que lhe parece ser o essencial.

Há outras razões e, se posso dizer, muito mais construídas, que tornam as minorias linguísticas desprezíveis. Até agora, e em quase todos os países do mundo, o ensino oficial foi feito exclusivamente na língua majoritária. Somente hoje, graças ao trabalho dos sociolinguistas, pode-se ver até que ponto isso desfavorece as minorias. É essencial, especialmente nos primeiros anos de educação, que a criança seja ensinada, pelo menos em parte, na sua própria língua. Não fazer isso resulta no que bem constatamos. Mesmo quando as minorias linguísticas têm, teoricamente, igualdade de acesso à educação, elas têm resultados ruins; membros de minorias abandonam mais cedo seus estudos; eles são maciçamente sub-educados e ocupam, posteriormente, situações profissionais compatíveis que pesam na imagem que se tem dessas minorias. Seria, portanto, tentador dizer que a igualação formal de direitos e oportunidades teve o resultado paradoxal de reforçar os preconceitos. Parece ridículo, hoje, explicar os menores sucessos pelo critério de raça; isto foi substituído o conceito de “meio culturalmente desfavorecido”.

Traçar as consequências do que significa pertencer a uma minoria quer dizer, entre outras coisas, promover um ensino bilíngue. A UNESCO é, de fato, sua principal defensora e isso começa a se desenvolver. Percebe-se, então, que os jovens índios, negros, chicanos ou porto-riquenhos não são

intelectualmente menos dotados do que os jovens americanos cuja língua materna é o inglês padrão, e que eles podem ter os mesmos sucessos. A escola, em seus métodos, era inadequada, e não aqueles que não estavam aptos a fazer estudos avançados.

3. Os surdos são uma minoria linguística

Os surdos têm *uma língua própria, uma língua não compreendida pela maioria.*

Eles têm uma língua própria, a língua de sinais. Muitas coisas são comumente ditas a respeito: ela seria pobre, imprecisa, essencialmente concreta e incapaz de expressar abstração etc. É curioso constatar que esses juízos pendentes são até emitidos e assumidos por professores e pessoas têm uma profissão de “pensar”, do que por pessoas surdas cuja língua é, no entanto, delas.

Isso é curioso, porque, de fato, nada disso é verdade.

A língua de sinais não é pobre. Eu estaria inclinado a pensar que, em alguns pontos, é mais rica que o francês. Ela não é imprecisa. Ela é, em alguns pontos, muito mais precisa que o francês. Ela não é menos eficiente que o francês para expressar pensamentos abstratos. Ficarei tentado a dizer que, sob diferentes pontos de vista, ela se presta melhor.

De fato, esses julgamentos não têm nada a ver com a língua de sinais. Eles são transmitidos regularmente sobre muitas línguas faladas. Eles são, justamente e muito precisamente, aqueles proferidos sobre todas as línguas faladas que eram minoritárias, especialmente as línguas orais, isto é, sem escrita, o que é precisamente o caso da língua de sinais. Isso sempre foi dito, e nos mesmos termos, das línguas catalãs, bascas, bretãs, ameríndias e africanas. Isso antes dos linguistas e sociolinguistas terem, recentemente, se interessado seriamente por elas.

Muitos até recusam à língua de sinais o estatuto de língua, vendo-a como uma espécie de mistura de gestos mais ou menos improvisados e de um francês degenerado apresentado visualmente.

Não vou falar aqui sobre as pesquisas linguísticas que estão começando a ser feitas sobre a língua de sinais, se não para dizer que elas já nos fazem vislumbrar sua riqueza e extrema complexidade.

Mas não é necessário recorrer a análises linguísticas para perceber que a língua de sinais é uma língua integral.

P. Adeline⁶, no Congresso Laval, observou que os surdos, muitas vezes, não entendem os jogos de palavras e os truques dos ouvintes e vice-versa. Isso é o que acontece de uma língua para outra. Não creio que exista uma formulação mais concisa para indicar o que é uma língua⁷. Mas é possível ser menos sofisticado ainda a ponto de se limitar a constatar que, quando as pessoas se entendem perfeitamente e podem se expressar, por meio desse meio de comunicação, tudo o que têm a dizer umas às outras, é de fato uma língua. Esse é o caso da língua de sinais.

Essa língua não é conhecida pela maioria. Isso pode ser ainda mais verdadeiro para os surdos do que para outras minorias linguísticas. A proibição que pesa sobre ela faz com que a língua de sinais seja ignorada por aqueles que estão em contato regular e institucional com os surdos. Até se vê professores que fazem como questão de honra ignorá-la. E deve-se acrescentar que, por uma espécie de polidez, os surdos se dirigem, em geral, aos ouvintes, que supostamente conhecem os sinais, em uma língua próxima do francês, um francês visual, em sinais, um *pidgin*, uma língua diferente daquela que eles usam quando estão entre eles⁸.

Os surdos são bilíngues

Eu não falo, evidentemente, dos que se tornaram surdos ou deficientes auditivos. Eles cresceram com a língua francesa, a língua falada. Eles a dominam. Ela sempre foi, permanece e permanecerá sempre sua primeira língua. E para que tenham qualquer razão para aprender a língua de sinais, várias condições devem ser satisfeitas.

Eu não falo nem de surdos congênitos ou precoces que foram cuidadosamente mantidos longe de sua língua de sinais e de sua comunidade, mesmo em uma idade muito avançada: para uma época em que, na situação atual, torna-se difícil ser verdadeiramente aceito, porque se compartilha, pelo menos, parte dos valores do mundo em que se foi socializado – um mundo que tinha ensinado o desprezo por sinais e daqueles que os usam. Quanto mais tarde se

⁶ Presidente da Amicale des Sourds du Havre et de la Région.

⁷ KLIMA, E.; BELLUGI, U. Wit and Poetry in American Sign Language. *Sign Language Studies*, n. 8, p. 203-224, 1975.

⁸ Conferir MOTTEZ, B. La Diglossie à l'intérieur de la langue de signes. *Rééducation Orthophonique*, n. 100; e especialmente, de um modo geral, os escritos de H. Markowicz.

chega à comunidade surda, mais difícil é realmente entrar nela. Isso não apenas porque se tem que aprender mais devagar, relativamente formal e conscientemente, certos saberes que aqueles que a têm familiarizada desde a infância adquiriram de forma natural, mas também porque para obtê-los é necessário saber como implantar, às vezes, toda uma estratégia. Não é possível aprender a língua de sinais comprando o método Assimil ou se matriculando na Berlitz School. Como as línguas minoritárias, ela só é aprendida com aqueles que a conhecem, provando que é aceitável, quando se age com lealdade.

Os surdos, para quem a língua de sinais é o modo de comunicação mais natural, sempre conhecem, pelo menos, um pouco de francês. Eles conhecem pelo menos um pouco porque — como costuma acontecer com uma língua minoritária — a língua de sinais se baseia muito na língua majoritária falada do país. Mas eles conhecem sempre, pelo menos, um pouco mais, por outras razões. Com seus acompanhantes, mesmo os mais próximos, se recusando obstinadamente a aprender sua língua, é para a língua falada do país que eles devem recorrer frequentemente e é, de qualquer modo, aquela em que foram educados.

Eles têm que conhecer essa última com muito mais mérito do que membros de outras minorias linguísticas. Eles tiveram que aprendê-la de uma maneira totalmente artificial, e isso, apesar dos esforços tentados; por mais de um século, para ser teoricamente da maneira mais natural possível.

Os surdos são, portanto, linguisticamente mais ricos do que os ouvintes que têm apenas uma língua à sua disposição. E, portanto, — mas como os membros de outras minorias linguísticas — *os surdos são, por parte dos ouvintes, o objeto de uma certa desconfiança e certo desprezo.*

Quer conheçam bem ou mal o francês, quer falem bem ou não, quer conheçam ou não os sinais, as pessoas surdas são sempre marginalizadas pelos ouvintes. No trabalho ou em qualquer outro lugar, quando uma pessoa surda está com vários ouvintes — é a situação comum — estes, exceto por raros momentos, agem como se ela não estivesse lá ou, o que equivale à mesma situação, como se ela estivesse ouvindo. Eles não modificam a natureza de suas conversas, não tendo consciência de se engajar, procedendo assim, àquilo que são chamados *apartes*. Os momentos de intensa solidão, os surdos nunca o experimentam quando estão sozinhos, mas, ao contrário, quando estão com ouvintes. A solidão é a rejeição. Isso é mais sentido em momentos de paroxismo de comunicação,

em que se faz, em relação aos surdos, a farsa da participação: as grandes e felizes festas de família. A comunicação é, para os surdos, um bem raro que, aos ouvintes, eles devem sempre implorar.

É por isso que, mesmo que conheçam bem o francês, falem e ignorem os gestos, os surdos se procuram entre eles e gostam de se encontrar. Eles se entendem entre eles e se comunicam entre eles melhor do que com ouvintes. Mas entre pessoas surdas, o modo de comunicação normal e mais eficaz, aquele que garante entre elas a mesma qualidade de conversa que a fala pelos ouvintes, é a língua de sinais. A informação linguística, exclusivamente visual, é recebida em sua totalidade. Não há necessidade de jogar jogos de adivinhação. O ritmo das conversas é o mesmo que o da fala pelos ouvintes, ele não é retardado pelas repetições e procedimentos de controle necessários para garantir que não haja mal-entendidos. Por fim, esquece-se muito, é a única língua que, entre os surdos, permite discussões em grupo e a realização de assembleias em que cada um se registra, a partir do acordo do que é dito, intervindo normalmente e podendo ser imediatamente, por assim dizer, ouvido. A leitura labial não permite trocas normais além de três pessoas.

A língua visual está tão perfeitamente adaptada à situação dos surdos, é tão natural para eles, que deve, sem dúvida, ser considerada uma das razões pelas quais é tão severamente reprimida pelos educadores. Os últimos temem que, ao recorrer a ela e ao deleitá-la, os jovens surdos não mais se esforcem para falar, passem a preferir o comércio deles ao dos ouvintes, deixando de usá-los como modelos, “só escolhendo o mundo dos surdos”, como se costuma dizer. Os educadores veem o pertencimento a esse mundo como uma espécie de declínio, chamam-no de gueto, proclamam orgulhosamente sua hostilidade e visam a “salvar” o maior número possível de jovens surdos.

Mas parece-me que quando se fala de surdos “que escolhem o mundo dos surdos”, se esquece regularmente que eles realmente vivem entre os ouvintes. Eles trabalham entre os ouvintes e não vivem, até onde eu sei, em lugares reservados. Esta escolha deles é essencialmente sobre a vida emocional e privada. É a escolha de amigos, contatos, casamentos. São os lazeres e os relaxamentos.

Os surdos vivem em dois mundos.

No entanto, a adaptação ao mundo da maioria é sempre mais bem-sucedida do que os membros das minorias terem um ambiente onde, sentindo-se

em casa, se encontram entre pessoas que partilham as mesmas experiências, têm os mesmos valores e com quem podem ser entendidos facilmente e sem desvios. Um ambiente onde não se é deficiente, onde, entre aqueles que participam, não há barreiras de piedade, desprezo, medo, paternalismo, ressentimento ou simplesmente de língua.

A este respeito, existem surdos, assim como outras minorias étnicas ou linguísticas. Mas a diferença pode ser que sua maneira de falar é, por parte de outras minorias, paradoxalmente mais tolerada. Não conheço nenhum grupo social para quem o uso de sua língua, mesmo que seja uma minoria, seja a fonte de uma depreciação comparável à dos surdos, quando eles recorrem à língua deles. No entanto, não há um imperativo claro para outras minorias que as impeçam de não se falar a língua majoritária do país.

Essa pode ser justamente a razão. A surdez sendo uma patologia, sua língua também seria uma. Vendo na surdez uma razão para a inferioridade, a sociedade majoritária tolera os surdos na medida em que eles não se façam muito notados como tais e façam um esforço para parecer, da melhor maneira possível, ouvintes. Ser surdo, desculpa-se, é uma desgraça da natureza. Seu dever, nosso desejo que gostaríamos que fosse o deles, é que eles tentem se corrigir o máximo possível. Ao contrário, fazer da surdez a base de uma criação cultural como a língua de sinais é o que não se pode mais suportar. A admiração deve prevalecer. Pelo contrário, parece ser provocação. Não é mais uma questão para aqueles que recorrem a ela de um estado de natureza desculpável, mas de uma escolha em que o transgressor parece matéria de escândalo e parece “acrescentar-lhe” até mesmo sobre o fato de ser surdo: o de ousar afirmar-se como surdo.

Como as minorias linguísticas, os surdos nem sempre dominam, de longe, a língua majoritária. O desprezo dos surdos é explicado de ponta a ponta por isso. Eles são julgados de acordo com seus conhecimentos de francês. Parabeniça-se quem fala bem. Se faz disso até um critério de inteligência. Avaliados por ouvintes que geralmente desconhecem sua língua, suas habilidades intelectuais são julgadas por critérios referentes à língua francesa.

Disso resulta uma imagem muito negativa do surdo. Ele aparece como um ser limitado, até mesmo mutilado. Dessa imagem não se espera muito. E ela explica por que alguém se resigna tão facilmente ao nível medíocre de educação que geralmente lhe é dado.

Se não é o sistema de ensino que está sendo questionado, mas aqueles para os quais se destina, é também porque os julgamentos relativos aos surdos são particularmente adequados às explicações de uma ordem física que não se permite mais aos sujeitos de minorias raciais. A surdez é, evidentemente, uma deficiência. Infelizmente, os psicólogos nos acostumaram, com seus tristes inventários, aos traços psicológicos dos jovens surdos — os reais ou os chamados atrasos, deficiências ou anormalidades de natureza intelectual, emocional e temperamental — para enxergar neles as consequências desse defeito de seus corpos: não ouvir. Infelizmente, os psicólogos fazem, em geral magnificamente, a economia do que vem ao contrário do modo como, em nome dessa suposta deficiência essencial, eles são tratados, e que, precisamente em nome do chamado remédio, deliberadamente os recusam: o direito à comunicação, a uma comunicação normal, em seus próprios termos, o respeito pela sua língua.

Tudo isso que se modifica, se aceitando considerá-los como uma minoria linguística ao invés de indivíduos com deficiência e intrinsecamente limitados, extrai-se as consequências: se em sua educação respeitamos sua língua e a usamos.

4. Conclusão

Eu falei inicialmente sobre os Estados Unidos. Eu poderia, igualmente, ter falado sobre os países escandinavos. Eu os conheço menos. E eles são menos conhecidos. Por vários anos, no entanto, mudanças ali ocorreram em todos os aspectos. A língua de sinais adquiriu cidadania. A situação dos surdos foi tão transformada que, ao se dar uma só olhada nesses países, vê-se que é a política que é necessária.

Portanto, estou convencido de que, dentro de alguns anos, a França adotará essa política. Pode-se perguntar então por qual mistério alguém poderia ter tanto tempo, em toda boa consciência e com tanta obstinação, para praticar uma política escolar e de primeira infância como absurda, prejudicial e cruel; para se contentar com resultados tão medíocres; para mostrar à língua de sinais tal intolerância, tal falta de curiosidade, e assim, no que diz respeito aos surdos, cuja língua é de tal desprezo.

Alguns esperam tudo das leis e dos regulamentos ministeriais. Eles acham que nada pode ser feito até que sejam alterados. As leis são importantes, mas geralmente vêm apenas como a consagração de uma mudança de moral que elas então contribuem para apressá-las ou consolidá-las.

A partir dessa mudança de moral, vejo vários índices.

O principal parece-me a atitude diferente que muitos surdos adotam hoje em relação à sua língua. Muitas pessoas surdas têm vergonha dela, acham que é inferior ao francês e não ousam usá-la em público, por medo de serem notadas, vendo nela a marca visível do que lhes ensinaram, a não ter orgulho e a ter que se esconder ou se corrigir: ser surdo. Não pode haver vergonha em ser surdo. Há, especialmente por serem os depositários de uma língua tão original e serem os únicos a terem o controle, alguns motivos de orgulho.

Em toda a França, cada vez mais grupos de surdos estão se orgulhando de sua língua, ansiosos por mostrá-la, divulgá-la, ensiná-la, promovê-la, estudá-la, demonstrá-la com excelência por meio de produções poéticas ou outras em fitas de vídeo.

Dois exemplos particularmente bem-sucedidos me parecem ser o da Associação Ferdinand Berthier, de Bordeaux, e do grupo de cinquenta pessoas surdas que se reúnem uma vez por semana no Instituto Nacional de Jovens Surdos de Paris, após seu dia de trabalho, grupo a ser constituído como Associação sob o nome de Academia da Língua de Sinais Francesa. No último caso, é uma verdadeira universidade noturna. Alguns ensinam os sinais aos ouvintes. Outros estão avançando na confecção de um dicionário de língua de sinais francesa. Outros conduzem pesquisas linguísticas de alto nível sobre essa língua.

Isso só é possível porque os ouvintes estão interessados nela e os ouvintes, pais e profissionais, ansiosos por finalmente se comunicarem, ou por uma simples curiosidade por essa língua, querem conhece-la. Isso é igualmente novo.

Acho difícil acreditar que, em todas as cidades da França, não existam pelo menos alguns ouvintes que desejem conhecer a língua de sinais. Surdos, façam com que sejam bem-vindos, não os desapontem! Ao compartilhar com eles seus tesouros, vocês descobrirão o preço total. A multiplicação de tais iniciativas na França contribui em si mesma para mudar a relação entre surdos e ouvintes, até então manchada por incompreensão mútua, mal-entendidos, paternalismo, para não falar de franco racismo.

Tradução de Maria Vitória Witches⁹

⁹ Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, RS, Brasil; FAPERGS; mvwitches@hotmail.com.